

METAMORFOSE E DESAFIOS DO ESPAÇO ESCOLAR

Jamerson Guerra Santos¹

RESUMO

O presente artigo, baseado numa revisão de literatura, procura refletir sobre as transformações que a Educação e consequentemente a Escola vem passando nos últimos tempos. É fato que discutir sobre Educação e os seus fundamentos, é algo de muita complexidade, visto que abrange pensar sobre diversas variáveis que permeiam o “móvel” terreno do espaço escolar. Isto é, pensar sobre a Escola deve ir muito além de uma preocupação com uma questão estrutural, a qual não poder ser menosprezada, mais há outros aspectos tão relevantes quanto uma questão física, a exemplo dos itinerários de ensino, formação continuada de professores, a concepção política pedagógica, o engajamento dos professores na execução dos objetivos de ensino, a motivação e atratividade para os estudantes num momento em que a tecnologia digital se torna um elemento da vida cotidiana e também de preocupação, no uso pelos mais jovens, que a usam principalmente como entretenimento e muitas vezes dispersam-na na virtualização das coisas e das relações. Todos esses elementos precisam ser pensados num contexto de transformações contínuas, considerando relações dialéticas, ou seja, constituídas eminentemente por contradições, que ao invés de “paralisar” a escola e seus agentes, deve ser combustível para sua resignificação e adoção de um trabalho pedagógico sincronizado com as novas demandas e necessidades de aprendizagem de uma sociedade de impermanências.

Palavras-Chave: Escola. Transformações. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

This article, based on a literature review, seeks to reflect on the transformations that Education and consequently the School has been going through in recent times. It is a fact that discussing Education and its foundations is something very complex, since it involves thinking about several variables that permeate the “moving” terrain of the school space. That is, thinking about the School must go far beyond a concern with a structural issue, which cannot be overlooked, but there are other aspects as relevant as a physical issue, such as teaching itineraries, continuing teacher training, pedagogical policy design, teachers' engagement in the execution of teaching objectives, motivation and attractiveness for students at a time when digital technologies become an element of everyday life and also of concern, in the use by the youngest, who use it mainly as entertainment and often disperse it in the virtualization of things and relationships. All these elements need to be thought of in a context of continuous transformations, considering dialectical relationships, that is, constituted eminently by contradictions, which instead of “paralyzing” the school and its agents, must be fuel for its resignification and the adoption of a synchronized pedagogical work. with the new demands and learning needs of a society of impermanences.

Keywords: School. Transformations. Digital technologies.

¹ Possui graduação em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB -2016) e graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA - 2009). Professor na Fundação Visconde de Cairu.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento das sociedades, os aprendizados e conhecimentos acumulados ao longo da trajetória da humanidade, foram se difundindo e estabelecendo as bases do que mais tarde se constituiu como o processo Educacional. Nesse bojo, com a formalização deste processo e a institucionalização de políticas educacionais, a Escola se consolidou como o “*locus*” principal da formação educacional e da preparação do sujeito para a vida e para o mundo do trabalho.

No entanto, é necessário compreender que a Educação e os espaços educacionais precisam estar sincronizados com as demandas e aos contextos social, econômico, cultural aos quais estão inseridos. Ou seja, a educação e conseqüentemente a escola não pode ser considerada como elementos estáticos, muito pelo contrário, devem ser dinâmicos, propulsora das revoluções paradigmáticas inerentes ao processo social. Isto é, pensar a educação dialeticamente e a escola como um sistema aberto, que troca com seu entorno, que ao mesmo tempo que recebe a influência da sociedade é também uma influenciadora ativa, superando estigmas, desconstruindo dogmas e revelando possibilidades.

Nas últimas décadas, principalmente a partir da virada do milênio e início do século XXI, o tema educação e tecnologia ganha um novo tom, com a introdução da internet em larga escala e difusão dos dispositivos digitais e móveis. Antes disso, os dispositivos eram analógicos, os recursos tecnológicos no ambiente escolar desconectados, a internet era discada e raramente presente nas instituições de ensino. Neste momento em que as tecnologias e os recursos digitais redimensionam a forma de comunicação, interação e difusão do conhecimento, a Educação e a Escola se vêem confrontadas com a necessidade de alterar suas rotinas e itinerários de ensino-aprendizagem. Surge, portanto, uma problematização: será que as práticas reproduzidas até então estão compatíveis com as necessidades e realidade do tempo presente?

Portanto, buscando possíveis respostas para a questão levantada, a trajetória que se pretendeu seguir neste trabalho, passa por três elementos básicos: pela explanação da função social da escola, como um elemento próprio da transformação da sociedade, na sequência aborda-se questões sobre o novo tempo da educação e os impactos na escola e por fim dialoga-se sobre o

desafio do professor na mediação tecnológica. Justifica-se essa trajetória por entendermos que sendo a educação e a escola constituído por uma tessitura complexa e de variáveis diversas que transcende aos próprios objetivos da escolarização, deve-se promover um alinhamento das relações educativas vivenciadas no contexto escolar, os instrumentos que a regem, as diferentes estratégias de forma colaborativa e integrada, não apenas entre professores, coordenadores e planejadores do ensino, mas também com toda comunidade escolar.

Para o embasamento teórico conta-se com as reflexões de diversos autores tais como: KENSKI, 2015; MORAN, 2013; MATTAR, 2010; VEIGA e RESENDE, 2011; FARFUS, 2012; DEMO, 2012; ALMEIDA, 2019; GERONE JUNIOR, 2016; GALERY, 2017, que ajudam na construção dialógica do texto. Assim sendo sustentado por metodologia de pesquisas exploratória com abordagem qualitativa e reflexões teóricas de base bibliográfica, percorre-se uma construção lógica sobre a METAMORFOSE E DESAFIOS DO ESPAÇO ESCOLAR.

2 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A Escola como toda organização social é constituída por elementos materiais, humanos, e também subjetividades que representam ou conduzem a determinados objetivos. Neste aspecto, o organismo escolar ao se estabelecer numa determinada localidade, deve considerar seus aspectos culturais, sociais e econômicos no intuito de promover a emancipação de sujeitos no processo contínuo de aprendizagem, que é uma das finalidades da Escola na atualidade.

Para que a escola sirva como uma instituição catalisadora dos interesses universais, deve fazer parte dos ingredientes da gestão escolar a implementação de condições materiais e subjetivas que motivem os alunos ao desenvolvimento de uma análise da realidade que apreenda suas principais determinações, fornecendo condições para uma consciência crítica. É imprescindível estimular uma visão de mundo mais ampla e reflexiva, em que se visualize no horizonte a instauração de um projeto social no qual todas as riquezas socialmente produzidas sejam, de fato e de direito, socialmente apropriadas por toda sociedade. (WELLEN e WELLEN, 2012, p.71)

Nesta perspectiva, o modelo de gestão implantado na Escola deve ser dirigida para que os esforços de gestores, técnicos e professores vislumbrem a construção de uma educação libertadora para os sujeitos da aprendizagem e que esses sujeitos sejam preparados para atuarem para além dos muros da escola, atuando como cidadãos cumprindo deveres e usufruindo dignamente dos direitos constitucionalmente estabelecidos, conforme previstos nos artigos 205 e 206 da

Constituição Federal,(CF,1998), destacados a seguir:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.[...]

Fica claro na Carta Magna que a Educação, que é a razão de existir da Escola, deve objetivar o desenvolvimento não só cognitivo e intelectual, mas também social, quando diz “ *preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho*”. Outro aspecto relevante indicado na CF é o inciso I do artigo 206, “ *igualdade de condições para o acesso e permanência na escola*”. Observa-se que, sem a condição indicada neste artigo (206, I), dificilmente alcançar-se-á o prescrito no artigo anterior (205).

No Brasil, em se tratando da “realidade vivida” pelo “ universo escolar” ambas dimensões do artigos constitucionais citados estão grandemente prejudicados, seja pela falta de preparo dos responsáveis na implantação das estratégias delineadas “ no chão da escola” ou pelo histórico descaso da Política social brasileira, com a educação que nem sempre a considerou como uma política de Estado, e sim como meros programas governamentais que normalmente perecem junto com os governantes que a conceberam. A própria Constituição Cidadã (vigente), possui pouco mais de 30 anos, ea Lei de diretrizes e bases da educação (Lei 9394/96), que promoveu avanços significativos na legislação educacional do país, é ainda muito jovem com seus 25 anos de existência.

Resgatando o “objeto” escola, como ambiente propício à educação, depara-se com grande abismos entre as diversas realidades, visto que a igualdade de condições, prevista lá no art.206, não é uma realidade do ambiente escolar, nem dos sistemas de ensino, ou melhor, a própria condição existencial da humanidade já é caracterizada pelas diferenças e a escola como um organismo desta mesma sociedade não deixaria de refletir esta incongruência.

Em síntese, o desafio de lidar com a diferença de diversas ordens no contexto escolar demanda um projeto político-pedagógico que acredite em mudanças criativas dentro da concepção de inovação, na qual se aceite jogar o “jogo da incerteza”. Isso demanda uma mudança paradigmática, pois no discurso da escola tradicional advoga-se seguir programas e objetivos predeterminados e metas fixas (GALLERY, 2017,p.15)

Conforme ressaltado pelo autor, um dos instrumentos para tentar conciliar essas diferenças

na escola, e se promova a tão desejada emancipação dos sujeitos, passa pela construção do projeto político pedagógico.

Fala-se em construção, pois esse projeto político pedagógico, deve considerar a diversidade dos sujeitos que pretende atender, a singularidade do local em que a escola está inserida e os objetivos que se pretendem atingir, logo não deve ser um documento meramente burocrático, construído entre quatro paredes, por agentes alheios e dissociados do meio. O projeto pedagógico na concepção de VEIGA e RESENDE (2011 p.10-11), é, “... um produto específico que reflete a realidade da escola, situada num contexto mais amplo que a influencia e que pode ser por ela influenciado. Em suma, é um instrumento clarificador da ação educativa da escola em sua totalidade”.

Não obstante, as autoras ainda propõem o projeto pedagógico com um elemento norteador das ações escolares na perspectiva colaborativa e coletiva.

O projeto pedagógico aponta um rumo, uma direção, um sentido, explícito para um compromisso estabelecido coletivamente. O projeto pedagógico, ao se construir em processo participativo de decisões preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando pessoal racionalizado da burocracia e permitindo as relações horizontais no interior da escola. (VEIGA e RESENDE, 2011 p.13)

Apropriando-se dessa concepção, percebe-se que o modelo tradicional de escola, está fadado ao fracasso quando o objetivo for promover a educação libertária e emancipadora. Esse modelo tradicional relega os sujeitos da aprendizagem a um lugar menor, ou seja o foco não está centrado naquele que busca a aprendizagem, mas sim em ideologias reprodutivistas e tecnicistas, a educação é pensada e pré-moldada para eles, ao invés de ser construída com eles. Neste formato, a escola tem sido cada vez mais percebida como um espaço desinteressante, pouco estimulante, que ao não valorizar a realidade do sujeito, não sinaliza possibilidades para que este se perceba como um agente de transformação de sua realidade e do seu entorno. Torna-se estéril no século XXI, em que a tecnologia permeia a vida quotidiana dos indivíduos, e suscita constantemente novas demandas sociais, ofertar uma escola com as bases do século passado, se a sociedade muda a escola também precisa se reinventar.

3 O NOVO TEMPO DA EDUCAÇÃO E OS IMPACTOS NA ESCOLA

Na ERA da revolução da tecnologia digital, em que o computador se torna um dos principais instrumentos do trabalho contemporâneo, as relações se estabelecem para muito além do contato físico e se realizam também num espaço virtualizado, as transações comerciais, financeira e os negócios se concretizam por meio de sistemas integrados de transmissão de dados e informações, exige que os sujeitos estejam preparados para interagir com autonomia nesse ambiente delineado e inevitável. Por sua vez, a Educação e a escola, precisam estabelecer uma conexão com o paradigma desta Era sem deixar delado sua essência.

A inserção do conceito de sociedade em redes é fundamental para que nós, educadores, compreendamos o papel que essas redes exercem, atualmente, na estruturação social e, também, para a organização de espaços educativos, que, muitas vezes, estão inseridos em redes diversas. Estas devem respeitar o desenvolvimento local e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento global. (FARFUS, 2012, p.37).

Diante deste cenário, o grande desafio no contexto brasileiro, é como superar os gargalos históricos da educação nacional e estabelecer essa interligação com a sociedade em rede, no que se concebe com “ aldeia global”, sem comprometer as identidades étnicas, culturais e os conhecimentos acumulados nos vários polos regionais que caracteriza a diversa composição do território nacional. E ao mesmo tempo vencer as práticas anacrônicas arraigadas no “modus operandi” do trabalho pedagógico subjetivamente institucionalizado e na contramão do que prevê as próprias diretrizes legalmente instituídas.

Nesse sentido, a resistência da escola e da universidade, embora possa deter componentes justificáveis e respeitáveis, comparece como atitude obsoleta, em particular quando se recusa a discutir o assunto[...]. Educação precisa tornar-se tecnologicamente correta: primeiro, não sucumbir ao determinismo tecnológico, principalmente à pressão do mercado; segundo, o olhar do educador deve predominar sempre, entrando em cena, não como resistência, mas como o compromisso de trabalhar as novas tecnologias em benefício da educação para todos. (DEMO, 2012, p.167)

Parece-nos um contra senso, agentes da educação e um espaço destinado à promoção de saberes e aprendizagem criarem resistência a um fenômeno social, que são as tecnologias, se ela está na vida dos sujeitos, ela precisa também fazer parte do universo escolar. Mas como destaca (DEMO, 2012), “não se trata de uma incorporação sem critérios ou criticidade” . Há sim, de se questionar qual o espaço da tecnologia no processo educacional, e como docentes e estudantes

podem vivenciar experiências de ensino- aprendizagem lançando mão destes recursos.

Cabe justamente à escola estabelecer essa intersecção, por meio de estratégias e práticas pedagógicas inovadoras e críticas, visto que a escola é uma das responsáveis por expandir as experiências dos indivíduos preparando-os para o mundo "Considero a escola um importante veículo de promoção do laço social. Isso a coloca no patamar de responsável na formação do sujeito da aprendizagem, ultrapassando o objetivo de espacounicamente incumbido da transmissão do conhecimento formal e acadêmico." (GALERY, 2017,p.18).

No entanto, reconhecemos que a adoção das tecnologias em suas diversas facetas, no ambiente da escola enquanto instrumento da prática pedagógica, não é algo simples, nem ocorre de forma automática. Isto em virtude de uma série de fatores que envolve, a própria cultura do ensino, passando pela questão dos currículos disciplinares e até mesmo pela habilidade dos professores em estabelecer itinerários formativos com o uso destes recursos. Mais uma vez, volta-se à questão do Projeto Político Pedagógico, na construção deste deve-se vislumbrar a mediação da aprendizagem por meio das tecnologias, reiterando-se que nesta “edificação” todos os atores devem ser contemplados, sob pena deste projeto torna-se uma mera formalidade, sem o devido engajamento de professores sujeitos da aprendizagem. Ainda nessa convergência entre Escola, Projeto pedagógico e Currículo, cabe destacar:

É preciso estar suficientemente preparado e envolvido no processo para empregar, do melhor modo, todo recurso que a tecnologia possa oferecer. Não é ela que torna o mundo mais democrático, mas sim o homem e o uso consciente que pode fazer dela. Desse modo, é possível pensar na convergência entre tecnologia e currículo. (ALMEIDA, 2019,p.94).

A tecnologia e os recursos digitais de comunicação e informação, portanto, fazem parte do momento histórico, são dinâmicos e exigem uma aculturação permanente no sistema educacional.

4 O DESAFIO DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA.

Quando fala-se em desafios da atividade docente pode-se enumerar uma série de percalços que permeiam a atuação do professor. Seja a histórica falta de valorização e reconhecimento deste profissional, associada a baixa remuneração, as questões estruturais e materiais precárias comuns às escolas públicas no Brasil que dificultam e muito o exercício da docência e mesmo as realidades muito díspares do público que frequenta as escolas, impõem aos professores a necessidade de um “jogo de cintura” colossal para que possa oferecer o melhor no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos desafios do tempo presente, acentuada pelo fenômeno da pandemia de covid-19, é a relação de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias. De repente fomos surpreendidos por um cenário inimaginável de contaminação massiva, sem um diagnóstico preciso e sem terapia farmacológica disponível no mercado, restando como estratégia mais eficaz para não disseminação do vírus o isolamento social. Com isso as escolas, faculdades e demais estabelecimentos de ensino foram repentinamente fechados e aulas presenciais suspensas. Tomando o relato do momento presente como exemplo, nota-se a necessidade que Escola e a educação precisam dispor para estarem abertas aos fluxos de mudanças, inovações e disrupções, pois é por meio dela e através dela que tantos outros processos de ajuste acontecem.

Podemos observar que o processo educativo é constante na sociedade atual e se manifesta nas transformações de várias áreas do conhecimento que permeiam a tecnologia e a informação, numa dinâmica impressionante. Esse caminho não tem mais volta e o educador não pode se ausentar de tal realidade. Esse fluxo frenético de mudanças na ciência, na comunicação, na cultura, na política, na economia, na educação, entre outras áreas, desperta no educador-educando a necessidade de buscar a atualização das informações diariamente. As pessoas estão sempre construindo seu mundo e sendo construídas por ele, em busca de significados que direcionem suas ações. Esse ciclo pela busca de significados se encontra diante de um universo dinâmico de mudanças aceleradas. (GERONE JUNIOR, 2016, p.148).

Diante deste cenário o Professor, o processo Educativo, os estudantes e os variados atores da educação, involuntariamente tiveram de se reinventar, sem muito tempo para planejar, rompendo com o “*modus operandi*” de práticas pedagógicas que vinha sendo aplicadas até então. A Tecnologia foi o que permitiu que, de um modo geral, a Educação não parasse totalmente nesse cenário caótico trazido pela pandemia.

No entanto, esse diálogo sobre educação e tecnologias, apesar de latente, não é decorrente deste momento agora, a muito se discute sobre essa relação, sua inevitabilidade e principalmente sobre as estratégias didáticas e metodologias necessárias para essa compatibilização.

Não há dúvida que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde, anteriormente predominavam a lousa, o giz, o livro e a voz do professor. Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça a diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida. (KENSKI, 2015, p.46).

Posto isto, fica evidente que não é a tecnologia a regente do ato educativo, não é ela

pura e simples, “*per se*”, que promoverá as necessárias alterações do "Status quo" da Educação, conciliando-a com as demandas do tempo presente.

Até aqui, reiterou-se a indissociabilidade entre educação e tecnologias, como elemento fundamental para uma mudança estrutural, conceitual, conceitual e metodológica da educação. Mas é preciso dialogar também sobre o processo formativo daqueles que são os interlocutores desse processo, que são os professores. Uma realidade é que, a maioria dos professores que estão atuando hoje, foram formados em um tempo em que a tecnologia não era uma abordagem do currículo obrigatório, e aqueles profissionais mais aguçados, buscavam disciplinas optativas e ou eletivas para enriquecer sua formação docente. No contraponto disto estes docentes, os quais considera-se migrantes digitais, lidam no “chão de sala”, com uma geração que já nasceu na tecnologia, ou seja, os nativos digitais. Nessa dicotomia, o professor tem o desafio de se colocar como uma aprendiz à medida que ensina para criar um ambiente e clima propício para a aprendizagem mútua.

Não é a tecnologia que resolve esse distanciamento, mas ela pode ser um caminho para aproximação mais rápida: valorizar a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente ajuda a motivá-los, a querer se envolver mais. Podemos aproximar nossa linguagem da deles, mas ela sempre será diferente. O que facilita são as entrelinhas da comunicação linguística: a entonação, os gestos aproximadores, a gestão de processos de participação e acolhimento, dentro dos limites sociais e acadêmicos possíveis. (MORAN, 2013, p.81)

Para que haja uma interação positiva entre alunos e professores neste contexto da educação mediada por tecnologia, o professor precisará reinventar suas práticas pedagógicas para que consiga promover uma interação dinâmica entre conteúdo e o aluno. É necessário aproximar a realidade vivida fora da escola por este estudante “fascinado por tecnologia” com o que se vivencia no ambiente de sala de aula, caso contrário este estudante não verá sentido naquilo que está sendo ensinado.

Alunos nativos digitais estão acostumados a receber informações mais rapidamente do que seus professores imigrantes digitais sabem transmitir. Imigrantes preferem textos a imagens; já os nativos, ao contrário, preferem imagens a textos. Os imigrantes preferem as coisas em ordem, enquanto os nativos relacionam-se com a informação de maneira aleatória. Imigrantes estão acostumados a uma coisa por vez, ao passo que os nativos são multitarefas. Os imigrantes aprenderam de modo lento, passo a passo, uma coisa por vez, individualmente e, acima de tudo, seriamente. Os alunos de hoje não são mais as pessoas para as quais nossos sistemas educacionais foram projetados, e em virtude disso a escola tem ensinado habilidades do passado (MATTAR, 2010, p.36)

Assim, o professor deve ser o catalisador, desse processo, atuar como um articulador, visto

que os estudantes “nativos digitais” apesar de lidar bem com a tecnologia, não usufruem do potencial que a mesmas oferecem para construir conhecimento, na maioria das vezes, a experiência está voltada ao entretenimento, à distração, para passar o tempo, sem um aproveitamento mais consistente que lhes possibilitem ampliar os horizontes para uma finalidade educativa, formativa e crítica. Logicamente, não se deve menosprezar, ou marginalizar esses usos recreativos, mas a questão que norteia este diálogo, visa construir uma perspectiva da relação educação-tecnologia, destacando o papel fundamental do professor nesse processo que é contínuo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo pretendeu-se promover uma reflexão sobre as transformações implícitas à dinâmica Educacional e ao espaço formal dedicado a ela que é o ambiente escolar. Observa-se que a escola deve permanecer atenta aos movimentos que envolvem a sociedade como um todo. Visto que, ela possui uma finalidade social, que é a de promover a emancipação dos sujeitos para o mundo do trabalho e para os demais aspectos da vida.

Inicialmente no capítulo 1, denominado a Função social da escola, evidenciou-se o quanto a educação é fortemente afetada pelas políticas públicas adotadas pelos governos na esfera Federal, Estadual e municipal, e que o país a partir da constituição cidadã de 1988, assegura amplo direito de acesso e permanência dos indivíduos aos sistemas de ensino, conforme prevê os artigos 205 e 206. No entanto, entre o que prevê a letra constitucional e a realidade vivida, há um evidente descompasso, visto que, por consequência da fragilidade de tantas outras políticas públicas, muitos jovens em idade escolar são compelidos a trabalhar logo cedo e abrindo mão do direito constitucionalmente garantido.

No capítulo 2, o novo tempo da educação e os impactos na escola, esboçou-se as mudanças que atingem a escola em seu processo histórico, considerando que esta deve ser concebida como um “sistema aberto”, que realiza um intercâmbio contínuo com o local no qual está inserido, logo, ao mesmo tempo em que a escola influencia o seu entorno é também por ele influenciada. Assim, a escola não pode ser um elemento passivo, deve ser um espaço dinâmico de construção e desconstrução coletiva.

No capítulo 3, o desafio do professor na mediação tecnológica, realiza-se um

aprofundamento sobre as transformações que afetam a escola, com foco na tecnologia, que passou a ser um elemento cotidiano presente na vida das pessoas, e que diante dessa “emergência” a escola não pode permanecer alheia a esse processo sob pena de torna-se obsoleta. A defesa não é da tese que a tecnologia “salvará” a escola do ostracismo, mas sim de que enquanto um fenômeno social, a tecnologia deverá compor o repertório educacional para aproveitar seu potencial pedagógico e torná-la mais atraente para a geração de nativos digitais, que nasce imersa nesse universo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Siderly do Carmo Dahle de. **Convergências entre currículo e tecnologias**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 19 Dez. 2020.

DEMO, Pedro. **Mudar a Mudança: lições da internet generativa - quem propõe mudanças, não as deveria gerir!**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FARFUS, Daniele. **Espaços Educativos um olhar pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

GALLERY, Augusto (org). **A escola para todos e para cada um** [recurso eletrônico] São Paulo : Summus, 2017.

GERONE JUNIOR, Acyr de. **Desafios ao educador contemporâneo: perspectivas de Paulo Freire sobre a ação pedagógica de professores**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MATTAR, João. **Games em Educação: como os nativos digitais aprendem**. São Paulo: Pearson, 2010

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Paripus, 2013

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de. **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

WELLEN, Henrique; WELLEN; Hérica. **Gestão Organizacional e Escolar: uma análise crítica**. Curitiba: Intersaberes, 2012.